

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo Class.: 911

Data: 03.11.84 Pg.: \_\_\_\_\_

## Ciência e Tecnologia

# O cacique Juruna, Jânio Quadros e o malufismo

**ROGÉRIO C. CERQUEIRA LEITE**

Do equipe de articulistas da Folha

Ah, se eu fosse um sociólogo! Ou pelo menos um antropólogo. Não perderia esta fascinante oportunidade. Os leitores já devem ter notado a febril atividade preparatória para a passagem do cometa Halley, anos antes da ocorrência. Um simples eclipse completo provoca a mobilização de equipes enormes e deslocamentos de astrônomos e equipamentos por toda a Terra. Quando um vulcão volta à atividade, geólogos se alvoroçam e, apesar da gravidade do objeto a ser estudado, centenas deles se postam em suas vizinhanças, ávidos de informações que revelem os mecanismos íntimos do fenômeno. A simples notícia da passagem de uma coluna de ecitons, a formiga legionária, atrai todos os entomólogos do país. Uma catástrofe ecológica ativa especialistas de toda a nação. Então como explicar o desinteresse de sociólogos, cientistas políticos e estudiosos do comportamento animal por este singular episódio da história brasileira?

Tomemos como um primeiro exemplo a ira inesperada do deputado Juruna pela tentativa de suborno de que foi objeto. Desde a publicação do livro de Marcel Mauss sobre "O Presente", todo estudante de antropologia sabe que sociedades baseadas na propriedade comunal, como é o caso dos Gês, grupo a que pertence a tribo do cacique Juruna, desenvolvem uma moralidade bastante diversa daquela característica da cultura ocidental no que diz respeito a presentes e favores. Um presente é pouco mais que um sorriso ou um gesto de hospitalidade ou de boa vizinhança. Aceitar ou solicitar um presente não é de maneira alguma um gesto imoral. E a negativa é aceita com muita dignidade. Conheci indígenas brasileiros de várias culturas, inclusive Gês de uma tribo vizinha àquela de que é cacique o

deputado Juruna, e dei e recebi muitos presentes com a mesma naturalidade com que um bom caboclo oferece um cafezinho ao passante. Ainda recentemente recebi uma lista com 37 itens solicitados como presentes, incluindo um gravador e uma bicicleta pelo meu amigo e cacique Abraão. Este ato é, em relação a sua cultura, perfeitamente moral, posto que, sendo comunal a propriedade, a posse de um objeto tem um significado pouco mais que simbólico. A reação tardia de indignação de Juruna só ocorreu quando este percebeu o que a transação significava para a nossa cultura. Ele estava sendo comprado e desmoralizado e não percebera. Por isto se enfureceu e devolveu ao sr. Calim Eid o suborno. Não por causa dos ditames de moralidade de sua sociedade mas porque a cultura judeu-cristã com que é obrigado a conviver o desprezaria pelo que estava fazendo. Este pequeno episódio serve, entretanto, para realçar o fenômeno social pelo qual passa a sociedade brasileira. Em qualquer país civilizado o caso Juruna teria aniquilado a candidatura do Sr. Maluf. E, no entanto, no dia seguinte, o homem da vassoura, aquele que até recentemente chamava a equipe malufista de "Ali Babá e seus quarenta ladrões", aquele que se pretende paladino da moralidade, o ex-presidente Jânio Quadros, com aquela mesma desfaçatez que caracteriza o malufista convicto, sem esconder o rosto com as mãos trêmulas, anuncia a sua "emalufização".

Não é este um fenômeno psicossocial fascinante? Não me entenda mal o leitor. Pouco me importa a dignidade desse político decadente ou suas eventuais dores de consciência. Duas garrafas de Chivas resolvem o problema. O que me preocupa é a sua convicção de que não lhe cusparam na cara os próprios associados. É esta certeza de que o povo brasileiro possa ser conivente com essa morali-

dade casuística. Estaríamos, no Brasil, às vésperas de uma revolução dos costumes? Estaria para acontecer uma revolução ética com a rejeição dos padrões tradicionais da civilização judaico-cristã?

Enquanto o recém-chegado Juruna, embora tropeçadamente, adere aos preceitos que nortearam a construção de uma cultura de grande vitalidade, Jânio, que baseou toda sua carreira política, pelo menos no plano retórico, na defesa desses princípios, a abandona agora. E a sociedade brasileira aceita, embora um pouco enojada. E as forças armadas pactuam, embora perplexas. De onde vem essa força primitiva do malufismo? Seria o "homo sapiens" assim vulnerável? Enfim, já aconteceu o nazismo, o "apartheid", o extermínio do ameríndio... e agora o malufismo!

Ainda recentemente centenas de baleias nadaram insistentemente em direção a uma praia lá encalhando e nada pôde dissuadi-las de retornar, até que todas pudessem. O mesmo aconteceu com as tartarugas do Galápagos. Algumas espécies de roedores eventualmente deflagram inexplicavelmente uma maciça migração, irracional e inexorável. Por vezes o sacrifício é total, despencando no mar ou aventurando-se em regiões desérticas. Um auto-extermínio de imperativos biológicos ou a busca do paraíso perdido? Quem teria razão, Juruna rejeitando o malufismo, ou Jânio aderindo? O atônito iniciante na cultura ocidental ou o senil desertor? Jânio Quadros abre seu último artigo neste jornal em que procura justificar sua emalufização com uma frase de Nietzsche: "Ha algo na moralidade de Platão que, em verdade, não pertence a Platão". Mas deixemos que o próprio Nietzsche lhe responda: "Aquele que se veste de farrapos bem lavados se veste limpamente, é verdade, mas não deixa de estar em farrapos."

